

O  
CARAPUCEIRO

06 DE OUTUBRO  
DE 1832



# O CARAPUCEIRO,

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novere libelli  
Pœcere personis, dicere de vitiis.*  
Morceat Liv. 10. Epist. 33.

Guardare nesta Folha as regras boas,  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

IMPRESSO EM PERN. POR J. N. DE MELLO NA TYP. FID., R. DAS FLORES N. 17. — 1832.

## AS MODAS.

Posto que quando tractei do luxo, alguma cousa disse a respeito de certas modas; todavia não toquei nesta materia, se não de passagem: mas como o objecto he fértil, e offerece pão com muita largueza para boas carapuças; aproveito o cabedal, e vou talhar as que poder; assim Deos me ajude, e os benignos Freguezes deixem escórregar da sua para'a minha algibeira os competentes 60 rs.; se forem do tempo do Rei velho, melhor; porque a respeito de moeda de cobre não gosto de modernices. Basta pois de prefacio: vamos ao Artigo *Moda*.

Este culto das pessoas do mundo reconhece por deoza a frivolidade; o seu templo he Paris; os seus sacer-

dotes são os caprixos; os Francezes são os verdadeiros crentes; e todos nós, pobres papalvos, não somos mais, do que escravos convertidos, que sem reflexão, sem idéas proprias, seguimos maquinalmente as leis arbitrarías dessa divindade fantastica. Com effeito de França nos vem quasi todas as modas; e nós, que achamos todo o nosso prazer em macaquear, tudo a ésimo abraçamos alto, e malo, só porque nos entrou por aquella barra. Não sou eu com tudo tão quinhentista, e intollerante, que deseje proserver todas as modas; mas não sou também tão superficial, e apavaliado, que todas aprove á carga cerrada; sem outro motivo, se não por assim ter occorrido ao bestinto dos *petimetres*, e das *coquêtes* (gamenhos, e namoradeiras) do Sena.

Ainda que as modas sejam filhas da imaginação, não devem ser ellas tão extravagantes, e destemperadas, que nenhum parentesco, ou afinidade tenham com a razão; pois que até nas materias de gosto releva, que este seja guiado por ella sôb pena de ser justamente reputado caprixoso, e despresivel. Que o çapato, por ex, tenha o bico fino, como o fucinho de hum quatã (o que já foi moda de grande voga) ou á imitação de bico de pato, parece ser cousa indifferente; e será singularidade de velho rabugento embirrar com essas variedades; mas quem aprovaria hum calçado com o bico para o calcenhar, ou com o molde tal, e qual dos cascos de hum burro? Assim tambem, que as mangas dos vestidos das Senhoras sejam mais curtas, ou mais compridas, mais folgadas, ou mais estreitas, não devemos extranhar: mas ver humã Senhora com mangas de jambon (de presunto) he cousa em verdade mui' extravagante; por que em que he, que se parece hum braço humano, com a disforme perna de hum porco? Que graça pôde ter este arremêdo, tanto mais fastidioso, quanto o porco he dos animaes domesticos o mais feio, mais groceiro, e desengraçado? „ Não diga isto (parece-me estar ouvindo alguma Senhorita): isto he ter muito mau gosto: nunca veio cá moda mais linda, do q' mangas de presunto. „ E está decidido. Não há cousa propria, formosa, e bem garrida, como os braços de humã Senhora arremedando o garboso molde das pernas de hum porco.

O mesmo digo dos grandissimos pentes, com que se adornã as Senhoras. Os pentes, quanto a mim,

não foram inventados, se não para prender, e segurar os cabellos: este foi o uso, que sempre tiverã: agora porém pelo contrario he preciso, que os cabellos, escorados por grampos, e arrumados em oiteirinhos sejam os que sustentem os pentes de baixo das regras do equilibrio, sôb pena de ir á terra a charolla de tartaruga, e evaporarem-se n'hum instante 32, e 40\$ rs. com grande magoa de quem o comprou, e repiques de gosto das lojas Francezas. Confessemos, que nós ainda somos muito innocentes! Asseverã-me, que algumas Senhoras vão-se apresentando em publico com ricos aventaes, não sei para que serventia. Dizem, que he a ultima moda de Pariz. Já o uso das bolsinhas no braço, chamadas indispensaveis (só o nome está mostrando a esperteza dos inventores, e fabricadores desses pequenos anzões, que vão puxando pelo nosso dinheiro) he alguma cousa extravagante: o que será, se tivermos de ver a môr parte das Senhoras em traje de cozinheiras? Tudo está em constar, que he moda, vinda de Franca para ser logo abraçada, e applaudida. Porque não cuidã as nossas Meninas em imitar a muitas Senhoras Francezas no desejo de instruir-se, e adquirir prendas estimaveis? Isso não; por que pede applicação, e trabalho, e temo-las de tal natureza, que nem a ler, e escrever querem, que se lhes ensine.

E vá alguém dizer ás nossas Senhoritas, que o saquitel, que enfiã no braço, não he humã cousa mesmo indispensavel. Tiplãõ logo a vizinha, e dizem muito sentenciosas — Em que ha de a gente levar, quando

são fôra, o lenço, o leque, o vidrinho de cheiros, etc. ? — E em que carregavaõ todas essas cousinhas as nossas Avós? ( Respondo eu. ) Isto não tem replica. Entre tanto ellas viverãõ contentes; merecerãõ mil finezas dos nossos Maiores, forãõ comparadas a Venus na belleza pelos Poetas do seu tempo, não perderãõ cazamento ( que he o grande cazo para a maior parte das Senhoras ) por falta de indispensaveis; e quando cazavaõ os filhos dotavaõ-os mais abundantemente, do que hoje se pratica de ordinario.

No vistuario dos homens tenho de notar sobre tudo os enchacos dos hombros, taõ altos, e por tal feitio, que parecem gallos molhados. Alguns, e principalmente algumas, dirãõ, que assim mesmo he, que he bonito. Serã; mas ninguem dirã, que homens arremedando, com o molde das cazacas, a hum gallo molhado, ou corrido de outro, tem o seu fundamento na natureza, que deve ser o typo de todas as producções da imaginaçãõ. Não são menos monstruosas as calças mui' estreitas dos joelhos para cima, e d'ahi para baixo com feitio de lanternas de papel: mas esse invento alguma serventia tem: he hum excellente recurso para os sujeitos de gambias finas, e tortas: em summa hoje quem traja o mais extravagante, e defeituosamente, que he possivel, está em tolo o rigor da moda. Mais parecem caricaturas, do que usos; o que em verdade he para admirar no seculo das luzes.

Não julguem todavia os meus pios Leitores, que eu pertendo ( como já disse ) proscrever todas as modas. O

mundo a este respeito sempre andou, como huma roda de alcatruzes, huns para baixo, outros para cima; pelo que sobr'este objecto mais assisado he ir hum homem no marulho das turbas, do que querer fazer-se singular, trajando, e arreando-se no seculo 19, como Egas Moniz, o Magriço, ou mesmo como o nosso honrado velho Luiz Nogueira, que ainda usava de cabeleira, e seus calçõesinhos de palmo pelas verilhas. O que reprovo na maior parte das cousas he o excesso, he a extravagancia, e essa especie de fanatismo gamenho, com que muitos dos nossos Moços abraçãõ as modas, fazendo consistir nestas frioleiras o seu total, e unico merecimento. Por outra parte conhecendo os males horriveis, que o luxo acarreta, e que se pôde chamar a fonte de toda a immoralidade publica, desejavaõ velo coartado; porque he evidentissimo, que huma Moça, que se habitua ao fausto, hum Rapaz, que se aveza ao mesmo, em lhes faltando os meios licitos, em não tendo quem lhes forneça por caminhos honestos esses nadas, alias mui' custosos, a primeira será huma raridade de deixar de prostituir-se; para ter quem lhe nutra o luxo; o segundo; só quasi por milagre não dará em caloteiro, cavalleiro d'industria, salteador, e cousas ainda mais vergonhosas.

Não faltãõ pessoas, que tenham notado a minha *embirraçãõ* a cerca das lojas Francezas. Alguns desses Senhores consta-me, terem dicto — Que se importa connosco, com o que nós vendemos 'o Redactor do Carapuceiro? Que me importa? Importa-me muito; porque sou B. zi-

leiro, escrevo no meu Paiz natal, e desejo vê-lo melhorado dos muitos abusos, e misérias, em que o crearam, e vai jazendo. Confesso, que muito respeito a Grande Nação Franceza, e que mil bens desejo a todos os seus filhos: mas seria errada, e criminosa a minha philantropia, se lhes appetcesse vantagens em prejuizo dos meus proprios Concidadãos. Creio, que não há Estado, Reino, ou Imperio sobre a face da terra, onde se permita, que Estrangeiros vendam a retalho, enriquecendo-os, e privando os Nacionaes desse meio de subsistencia.

Só o Brazil suporta esta albarda; e o mais he que assim o entenderão os Senhores Ministros do ex Imperador no miseravel Tractado concluido com a França, e Inglaterra, em virtude do qual por huma reciprocidade, que faria rir a hum padecente já com o laço estreitando lhe o gansate, podem os Senhores Francezes, e Ingleses não só trazer-nos as suas manufacturas, se não vendellas a retalho, assim como nós Brasileiros podemos ir fazer o mesmo lá por essas Europeas, isto he; que toda a vez, que quizermos, podemos carregar com os nossos abanos, côcos torreados, cujas pintadas, esteiras de peripê, e cordas d'impira, e abrir lojas destas preciosidades em Londres, e Paris, etc.!! Que tal a igualdade? Felizmente espirou o prazo desse vergonhoso Tractado: e se eu for tão feliz, que este meu pobre Caçapuceiro chegue as mãos do nosso Governo: desde já lhe rogo em nome de todo o Brazil, que não subscreva mais a semelhante Artigo, que he huma verdadeira lagracao. Tragaõ-nos sim os Estrangeiros as suas manufacturas; abarrotem-nos muito em hora os Senhores Francezes de hum deluvio de canquilhaes, e nadaõs bonitinhos; mas vendaõ-nos em grosso; e deixe o Governo, que o lucro, não pouco consideravel, que estão percebendo Estrangeiros, que ás duas por trez vão abastando com boa chelva,

rindo da nossa simplicza, tenhaõ-o os nossos Concidadãos, muitos dos quacs não tem de que viver por estes, e outros erros, e imprvidencias dos nossos Governantes. Conheço muitos Francezes, e Ingleses estimaveis; porém — *Amicus Socrates, amicus Plato, sed magis amica veritas.* Acabei em Latim; e como terminou o papel, não vai a traducção: mas não há Capadocio, que já não saiba o que quer dizer.—

A N N U N C I O .

A Sociedade Federal de Pernambuco estabelecida em a Cidade do Recife, ( Imperio do Brazil ) offerece o premio de hum conto de reis em moeda corrente, e mais huma medalha d'ouro, que tenha em huma face a seguinte legenda ao redor — A Sociedade Federal de Pernambuco — e na outra tambem ao redor, A F. ( o nome da pessoa premiada ) e no centro o Anno, em que se decretar a Federaçao a quem até o fim do Anno d' 1833 apresentar a mesma Sociedade huma obra, em que melhor, e com mais exactidão trate da natureza, definição, especies, e excellencia do Governo Federativo sobre os Governos Constitucionaes, Unitarios, dando igualmente hum plano justificado de Governo Federativo, adaptavel as circumstancias do Imperio do Brazil, cujo premio recahirá sobre aquella das obras, que sendo lavada a Assembléa Geral Legislativa do Imperio fornecer a mesma maior somma de idéas na composicão do novoCodigo Federal, o que será a final decidido em hum Jury de doze Membros da escolha da mesma Sociedade Federal, depois que a Assembléa Geral tiver ultimado, e apresentado o novoCodigo Federal Brasileiro.

A Sociedade Federal de Pernambuco está aberta a todos os Sabios Patriotas Brasileiros, e Estrangeiros a que se dêem a hum trabalho, do qual lhes resultará além do premio annunciado, as bençãos de huma Nação generosa, e livre.

Caza das Sessões da Sociedade Federal de Pernambuco em Sessão de 5 de Setembro de 1831.

*Francisco de Paula Vasconcellos,*  
Presidente.

*Francisco Ignacio de Athayde,*  
1.º Secretario.

*João Francisco Bastos Junior,*  
2.º Secretario.

*Praxedes da Fonseca Coutinho,*  
Thezoureiro actual.

Pernambuco; no Typ. Fidedigna.